

RELIGIÃO E CIVISMO NA PRODUÇÃO DE UMA INFÂNCIA CIVILIZADA: AS ESCOLAS PAROQUIAIS DO SERTÃO DA BAHIA (1940-1960)

Tânia Mara Pereira Vasconcelos*

As festividades do Jubileu do Padre Alfredo Haasler

[...] Para manter, de maneira eficiente a instrução religiosa e cívica entre os inúmeros habitantes de sua vasta jurisdição espiritual, instalou e mantém 15 Escolas Paroquiais, nesta cidade e no interior do município, com a matrícula de 882 alunos. Tendo observado, nas suas peregrinações pelo interior do município, a precária situação econômica e sanitária em que vive a humilde população rural, fundou, em maio de 1947, a Cruzada Social, com o objetivo de assistir a essa população desamparada dos poderes públicos, a qual êle distribui, periodicamente, roupas, calçados, gêneros alimentícios e medicamentos. (...) Trata-se de admirável assistência espiritual, educacional e social, fundada e administrada por êle, em benefício dos seus paroquianos, especialmente dos pobres dessa cidade e do interior do município. (Jornal Vanguarda, Jacobina - BA, 26.07.1958).

O Padre austríaco cisterciense Alfredo Haasler chegou em Jacobina em 1938, fundando no ano seguinte a primeira escola paroquial. A implantação dessas escolas, além da realização de outros trabalhos assistenciais, citados na matéria acima, tornou o Padre Alfredo uma figura extremamente conhecida e politicamente importante naquela região, exercendo nas comunidades rurais onde atuava uma influência maior que a do Estado.

As escolas paroquiais se destacam na matéria por “manter a instrução religiosa e cívica” daquela população, o que indica a predominância desses valores naquela instituição escolar. O principal objetivo do Padre Alfredo ao fundar essas escolas provavelmente tenha sido o de catequizar aquele povo sertanejo, como aponta a sua biografia: “o povo que freqüentava suas celebrações era em sua maioria analfabeto e detinha poucos conhecimentos dos sacramentos” (LEMOS,1999: 19). O desejo de “purificar” um catolicismo popular, marcado por práticas profanas, é um importante elemento da atuação desse padre cisterciense, demonstrado através de sua prática de repressão aos costumes populares, como a existência de elementos profanos em festas católicas.

* Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestre em História Social pela USP.

A implantação das escolas paroquiais na região de Jacobina está relacionada a um projeto missionário desenvolvido por religiosos cistercienses no Sertão da Bahia; essa história teve início em 1938, quando padres cistercienses austríacos, entre eles o Padre Alfredo Hassler, viajaram do seu país para a Bahia, aceitando um convite do novo Bispo da recém-criada Diocese de Bonfim para trabalharem em suas paróquias. A eclosão da Segunda Guerra Mundial foi um fator decisivo para a vinda desses religiosos para a Bahia. Embora os cistercienses tenham desenvolvido outros projetos educativos na região, as escolas paroquiais, fundadas pelo Padre Alfredo na Paróquia de Santo Antônio de Jacobina, constituíram o mais bem sucedido deles.

Embora a manutenção das escolas paroquiais fosse advinda principalmente de entidades católicas estrangeiras, o apoio de políticos influentes daquela região foi um dos fatores que contribuíram para o sucesso do projeto educativo, que chegou a atingir, no momento de maior expansão, 48 escolas, tendo recebido também, embora de forma esporádica, subvenções públicas estaduais e federais.

As escolas paroquiais possuíam uma estrutura simples, funcionando com uma única classe, no sistema de ensino multisseriado e oferecendo o ensino primário gratuito para crianças e adolescentes. A implantação dessas escolas, além da realização de outros trabalhos assistenciais, tornou o Padre Alfredo uma figura extremamente conhecida e importante naquela região.

Nas comunidades rurais onde o Padre Alfredo atuava, ele exercia provavelmente uma influência maior que a do Estado, já que este se omitia de assistir a população, não apenas no campo educacional, mas em outras áreas. As funções exercidas por ele ultrapassavam muito as sacerdotais, pois além do trabalho realizado pelas escolas paroquiais, ele se tornou muito conhecido devido a sua atuação assistencialista junto à população mais pobre. Diversas matérias do Jornal *Vanguarda* destacam o seu trabalho social, como a matéria abaixo, escrita por um padre que atuava em outro município:

(...) Aquela gente, porém, conhece um Samaritano: o vigário da paróquia: Padre Alfredo Haasler. Foi-me dado o ensejo de conhecer, durante os dias da semana santa, a mais curiosa e edificante obra de assistência social do sertão. Um sacerdote apenas, para uma paróquia tão extensa, a socorrer, em longas caminhadas, ao sol e à chuva, em dias de soalheira exaustiva ou em noites caliginosas açoitadas pelo vento e pelo frio, uma população depauperada pela fome, mirrada pela doença, desfeita pelos desenganos da vida. Periodicamente Padre Alfredo visita todos os pontos da paróquia, levando consigo, em alforjes e em cargas, remédio, vitaminas, leite em pó e roupas que distribui a todos os deserdados da sorte. Tornou-se por vocação, médico das almas. E por necessidade, médico do corpo, receitando doentes,

distribuindo e aplicando gratuitamente os medicamentos. (...) Nessas excursões, percorre anualmente de 1000 a 1200 léguas, o que equivale dizer, já fez, durante este tempo, mais de duas vezes, a volta ao mundo, no dorso esquilido e ao passo modorrento de burro casmurros e lerdos. Nos pontos de reunião, previamente marcados, atende ordinariamente, em cada viagem, dezenas e mais dezenas de doentes. Aplica injeções, faz curativos, prescreve dietas, fornece remédios, alimentos, dinheiro. Atualmente atende para mais de 4000 pessoas. Com solicitude, com carinho, com amor. Aonde não vai o médico, aonde não chegam os socorros do governo, acorre a providência de Deus na pessoa de um Padre, mirrado na carne e esbatido de cansaço, sem bolsa e sem recurso, sem outra paga e sem outros estímulos que a esperança da Fé e as promessas do Reino dos Céus. – Não é só! Mantém, desde 1939, Escolas Paroquiais, nestes recantos abandonados, com matrícula, às vezes, superior a 600 alunos. Pagos as próprias expensas o professorado, as bancas, fardas e livros para as crianças mais pobres (...)
(Jornal Vanguarda, Jacobina (BA), 31.07.1955).

No artigo o autor destaca bastante as intempéries do clima do sertão e a pobreza da população. O texto continua falando a respeito do “povo sertanejo”, destacando seu sofrimento e fé: “A religião lhe dá uma intrepidez de herói e um resignação de mártir”. Essa visão a respeito do sertanejo como povo sofrido, castigado pela seca, ingênuo e resignado, era muito recorrente na época, sendo ainda hoje veiculada em alguns meios de comunicação; no texto acima ela é utilizada como um recurso para comover o leitor e valorizar ainda mais a ação do padre, associando-o a um ideal de santidade. Podemos perceber o ideal romântico do Missionário, um estrangeiro, que deixa sua pátria para enfrentar corajosamente as dificuldades de uma região pobre, abandonada pelos poderes públicos. Os depoimentos de alunos(as) e professores(as) da escola paroquial reafirmam esse ideal.

É importante salientar a importância política e religiosa do Padre Alfredo; sua atuação assistencialista junto à população pobre, feita a custo de grandes sacrifícios pessoais, fazia com que sua imagem fosse associada à de um santo, o que certamente rendia votos para os políticos que recebiam seu apoio.

Pelo que consta na documentação, o Padre Alfredo mantinha boas relações com a elite local - políticos, comerciantes, fazendeiros, médicos, jornalistas - o que provavelmente facilitava a expansão e a divulgação do seu trabalho. Apesar disso, não era fácil manter uma obra tão custosa; segundo os depoentes, os poderes públicos contribuíam apenas esporadicamente.

O relacionamento da Igreja com os chefes políticos locais reproduzia em alguma medida o que ocorria na esfera federal, sendo muito comum, especialmente nas

décadas de 1930 e 1940¹. Esses laços, marcados por trocas de favores, sustentava interesses mútuos, contribuindo com a política clientelista típica do período.

Parte da elite de Jacobina, no período estudado, em sintonia com os ideais de modernidade preconizados na “Era Vargas” e reafirmados pelos governos seguintes, procurava difundir, através da imprensa, um ideal de progresso no qual a educação tinha papel de destaque. Um projeto de educação primária, com base em valores disciplinares, sem ocasionar custos para o município, certamente interessava a essa elite, estando perfeitamente sintonizada com o projeto de modernização conservadora difundida na época em nível nacional.

Segundo matéria do Jornal *A Tarde*, de Salvador, quando foram instaladas as primeiras escolas paroquiais em Jacobina, “o Estado mantinha apenas quatro escolas públicas municipais no interior do município” (05.08.1997). No Jornal Primeira Página, de Jacobina, um testemunho a respeito da atuação do Padre Alfredo, relata:

*Contam que certa vez, o então governador da Bahia, Otávio Mangabeira, em visita a Jacobina, assistindo a um desfile escolar em sua homenagem pelas Escolas Paroquiais, dissera a seguinte frase: “Que bom seria se as demais escolas do meu Estado fossem como essas daqui!” (09.08.199).*²

Esse fato indica que a existência das escolas paroquiais, consideradas melhores que as estaduais, de alguma forma, acabava amenizando a falta de assistência do Estado na área educacional, acomodando os poderes públicos e a própria população, cuja cobrança por escolas primárias se arrefeceu.

Participação da escola paroquial em eventos políticos

A visita do governador Otávio Mangabeira a Jacobina, citada acima, ocorreu em 1948. Junto com ele esteve o Secretário de Educação Anísio Teixeira, que se encontrava à frente da educação no Estado da Bahia. Visando recepcionar os visitantes, alunos das escolas paroquiais de seis localidades, inclusive os do Povoado de Serrote, deslocaram-se para Jacobina para participarem de um desfile cívico, junto com escolas públicas da

¹ Sobre o pacto de Estado com a Igreja no governo Vargas ver SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Maria Helena Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

² “O Santo prometido”, texto escrito por Rudval Rocha, Coordenador Odontológico da 16ª DIRES.

sede do Município e com o batalhão do Tiro de Guerra. No Livro de Termos da Escola Paroquial de Serrote, esse fato foi registrado pela professora numa longa ata.

A viagem a Jacobina para participar da recepção aos políticos foi recordada por quase todos os ex-alunos entrevistados, embora nem todos se lembrassem exatamente do que se tratava. Vejamos alguns depoimentos:

***Elizabete:** Foi muita gente. Foi uma festa assim... política, pra conhecer o governador na época. Padre Alfredo era envolvido nessas coisas...³*

***Elvira:** Esse dia o padre tratou da gente muito bem, viu? Muito bem, o padre, a professora... (...) Não tinha carro pequeno nessa época, não. Era caminhão, era coberto, cobria e os alunos iam tudo ali dentro. Os alunos tudo ali na carroceria. (...) Aí, rapaz, não foi só de Serrolândia não, de todas escolas dele. Aí agora, dormimos lá. De noite, nós fomos pra reza. (...) Ave Maria! Tinha um palanque e tudo. A farda do Padre Alfredo, as fardas era tudo de um jeitinho só, sabe?⁴*

A viagem de 48 Km entre Serrote e Jacobina foi feita num caminhão, o famoso “pau-de-arara”, tipo de transporte mais comum naquela época para transportar um grande número de pessoas. Um aspecto marcante para os alunos, também mencionado na ata, foi a boa recepção que tiveram em Jacobina, onde pernoveram para retornar no dia seguinte. Essa recepção teve o apoio dos “bem feitores”, amigos do Padre Alfredo, que levou as crianças para visitá-los. Sua relação de proximidade com essas pessoas certamente facilitava o seu trabalho e dava-lhe prestígio político.

O desfile das escolas paroquiais com toda a sua organização e seu “uniforme impecável” impressionava os visitantes, como nos afirma a citação acima, do *Jornal Primeira Página*. A ordem e o civismo eram elementos muito prezados nessas escolas.

A participação do Padre Alfredo nesse evento político não era uma novidade; os jornais da época registraram sua participação em outros eventos como inaugurações de obras públicas e formaturas, o que demonstra o seu envolvimento com a política da época. Na maioria desses eventos o Padre Alfredo comparecia e usava a palavra, mas a presença das escolas paroquiais era solicitada apenas em eventos importantes, como a recepção de políticos de destaque. Em 1957, quase uma década após a visita do Governador Otávio Mangabeira e do Secretário de Educação Anísio Teixeira, um

³ Elizabete Vieira Mendes dos Santos, ex-aluna, entrevista concedida em 07.09.2007.

⁴ Elvira Souza Rios, ex-aluna, entrevista concedida em 21.11.2007.

político ainda mais ilustre visitaria Jacobina, sendo também recepcionado pelas escolas paroquiais: o Presidente da República Juscelino Kubitschek.

A passagem de JK por Jacobina foi divulgada pelo Jornal *Vanguarda* com grande entusiasmo. Poucos dias antes (02.11.57) foi noticiada a vinda do Presidente e do vice-presidente João Goulart para a inauguração do aeroporto local e do conjunto termo-elétrico, recentemente instalado pela Comissão do Vale do S. Francisco, para iluminação da cidade; os mesmos seguiriam no mesmo dia para Belém do Pará, onde presidiriam, à noite, a solenidade de instalação da Segunda Conferência dos Bispos que seria realizada ali, durante quatro dias.

De acordo com as informações dos Jornais *Vanguarda* e *A Tarde*, de Salvador, no dia 6 de novembro de 1957, o Presidente Juscelino Kubitschek chegou a Jacobina às 12:15 horas, num avião bi-motor da FAB, acompanhado por numerosa comitiva formada por ministro, senador, deputados engenheiros e técnicos. O vice-presidente não compareceu, mas não sabemos qual o motivo. Muitos políticos de diversas localidades da micro-região estiveram presentes ao evento.

Valter de Oliveira, em pesquisa que trata desse período em Jacobina, destaca: “Foi a primeira e única vez que um evento daquela natureza ocorreu em Jacobina” (OLIVEIRA, 2008). JK foi o primeiro presidente da República a visitar a região; sua imagem estava associada às idéias de progresso e modernidade, propagadas pelo Jornal *Vanguarda* em diversas matérias.⁵ O município de Jacobina nesse período era administrado pelo Prefeito Orlando Oliveira Pires (1955-1959)⁶. Essa administração é destacada pelo *Vanguarda* como um “divisor de águas” em Jacobina, associando a imagem do Prefeito à imagem do presidente, visto como um homem dinâmico e de ação.⁷ A passagem de JK por Jacobina reforçaria ainda mais essa associação e as obras

⁵ Jornais *Vanguarda*, Jacobina (BA), de 31.05.1958 (*Homenageado o Presidente da República*); de 21.06.1958 (*O Caminho do Oeste*); e de 05.11.1958 (*Cresce Vertiginosamente a População de Brasília*).

⁶ O Prefeito Orlando Oliveira Pires, jovem engenheiro agrônomo, “teve seu nome lançado pelo deputado Francisco Rocha Pires, grande liderança local que mantinha as rédeas do poder desde os anos trinta, ininterruptamente.” (OLIVEIRA, 2008: 68).

⁷ “A administração do prefeito recebeu forte influência do clima modernista vivido pelas grandes cidades e do desenvolvimentismo nacionalista de Juscelino Kubitschek, principalmente com a construção de Brasília. As palavras de ordem no Brasil daquelas ‘anos dourados’ eram ‘modernidade, progresso e desenvolvimento’. A febre modernista reinante nas grandes capitais brasileiras na primeira metade do século XX contaminou também pequenas localidades do interior brasileiro.” (OLIVEIRA, 2008: 69). O Prefeito Orlando Pires teria realizado uma série de intervenções públicas nesse período que visavam

que seriam inauguradas, um aeroporto e uma usina termoelétrica, eram símbolos da modernidade e do progresso propagados.

As escolas paroquiais estiveram presentes mais uma vez a esse evento político junto com outras escolas de Jacobina; o Jornal *Vanguarda* menciona a presença de colegiais na recepção. A informação de que as escolas paroquiais de diversas localidades estiveram presentes nesse evento foi prestada pela professora paroquial Isabel, que em 1957 trabalhava em Capim Grosso (Povoado de Jacobina na época) e possui uma fotografia na qual ela e seus alunos posam em frente a um dos aviões que trouxeram a comitiva do Presidente. Ela descreveu a sua participação na recepção junto com seus alunos:

Juscelino Kubitschek foi a Jacobina uma vez e nós fomos. (...) Eu fretei o carro do meu irmão, ele colocou bancos assim em cima. Os alunos foram todos sentados em cima. Não existia transporte, ônibus, essas coisas, não existia não. (...) Nós fomos pro aeroporto depois que ele foi embora, Padre Alfredo mandou mostrar avião às crianças. Agora quando eles foram entrando na cidade a gente já recebia, todo mundo em fila batendo palma, as bandeirinhas, brasileira, baiana, sacudindo, né? E depois eles seguiram e o desfile acompanhava. Era bonito (...) Tinham outras escolas, mas o que destacava mesmo eram as escolas paroquiais. Todo mundo parava pra ver, por causa da farda, né? Que era muito linda.⁸

Mais uma vez os alunos saíram de suas localidades, no famoso “pau-de-arara”, para desfilar em um evento político na sede do município. A Professora Isabel destaca a beleza da farda da escola paroquial. O desfile cívico relatado pela depoente era um elemento importante na pedagogia da escola paroquial. Os desfiles ocorriam não apenas em festas de recepção a políticos, mas em diversos momentos celebrativos religiosos e cívicos.

O uniforme escolar da escola paroquial era utilizado apenas nos desfiles e celebrações, o que demonstra a importância desses eventos para a comunidade, constituindo o momento em que a escola era exibida e admirada por todos. Podemos perceber nesses desfiles a combinação de elementos cívicos e religiosos; em um contexto de propagação do nacionalismo a religião e o civismo andavam juntos em um projeto disciplinador. Nesse texto destacamos especialmente a importância do civismo

a modernização da fisionomia urbana da cidade, como a instalação de serviços de infra-estrutura, contando com recursos do governo federal através da Superintendência do Vale do São Francisco.

⁸ Isabel de Fátima Lima, ex-aluna e ex-professora paroquial, entrevista concedida em 24.12.2007.

nas escolas paroquiais, tendo como objeto de estudo a Escola Paroquial do Povoado de Serrote.

Celebrar o amor a Pátria: o civismo na Escola Paroquial

Isabel: As crianças sabiam o hino nacional tranqüilo, em qualquer lugar... e hoje você vê, inicia a aula, as crianças nem valorizam mais. A bandeira era um símbolo de... a gente dizia o significado da bandeira. Hoje as crianças pisam na bandeira, faz tudo. Naquele tempo era coisa de respeito a bandeira nacional.⁹

Elisabete: Aí é que era bonito! Sete de Setembro, Quinze de Novembro, assim... aí é que era bonito! Era uma festa maravilhosa! (...) Cada recitativa linda que o aluno recitava. Assim... aquela declamação, aquela coisa bonita!¹⁰

De todos os temas tratados nas entrevistas, o que mais suscitou empolgação e saudosismo entre os depoentes foram as festas cívicas promovidas pela escola paroquial. No livro de termos da Escola Paroquial de Serrote esse é o tema mais tratado, sendo que as datas comemoradas, por ordem decrescente de quantidade de registros, foram: 7 de setembro (Independência do Brasil), 15 de novembro (Proclamação da República), 1º de maio (Dia do Trabalho), 21 de abril (Morte de Tiradentes), 21 de setembro (Dia da árvore), 19 de novembro (Dia da Bandeira) e 2 de julho (Independência da Bahia). Além dessas datas tradicionais, no ano de 1944 foi registrada ainda a comemoração solene do Aniversário do Presidente Getúlio Vargas e o Fim da 1ª Guerra Mundial.

O Sete de Setembro era a data cívica de maior destaque, sendo registrada em quase todos os anos que constam no livro de termos, além de ter sido a festa mais citada nos depoimentos. De acordo com as atas, o ritual da comemoração variava pouco de um ano para outro, geralmente durando o dia inteiro, sendo que a maioria seguia essa seqüência: pela manhã, em frente à escola, havia o hasteamento da bandeira e a entoação do hino nacional; a tarde os alunos eram reunidos novamente para a realização do desfile pelas ruas do povoado, finalizando com uma parada na praça, onde havia apresentações para o público de canto orfeônico, poesias e ginástica; às 18:00 hs

⁹ Idem.

¹⁰ Depoimento citado.

retornavam à escola, para o encerramento da festa com a descida da bandeira e novamente a entoação do hino.

No ano de 1948, a festa cívica descrita no Livro de Termos, teve a programação mais extensa. Iniciou-se às 4:00 hs da manhã com a alvorada, que terminou às 5:30; às 7:00 hs novamente os alunos foram reunidos para a sessão solene do hasteamento da bandeira, como de costume, e voltaram a marchar pelas ruas até as 9:00 hs. À tarde, retomou-se a programação: “as 4 horas com mais solenidade houve passeatas nas ruas e números de ginástica, às 5 horas houve solene entoação de hinos,” em seguida falaram “com entusiasmo” quatro alunas e a professora, sendo todas aplaudidas pelo povo; às 6 horas, como de praxe, ocorreu a descida da bandeira e a entoação do hino nacional. A maior novidade dessa programação foi que, ainda à noite, no salão da escola, “fora de todo o dever cívico, houve em particular, gratuitamente, solene hora da arte dedicada ao povo pela regente escolar.” A programação dessa atividade artística foi composta por “um grande número de canções, diálogos e bailados pelos mesmos alunos.” É impressionante a resistência física dos alunos e da professora durante essa maratona que, sem considerar os intervalos, ocupou, no mínimo, 16 horas daquele dia, havendo três momentos de desfile cívico. A motivação para tanto esforço talvez fosse advinda dos sentimentos patrióticos despertados pela escola, além do prazer de se exhibir para a população daquela comunidade, expressa em vários depoimentos. Vejamos como alguns ex-alunos se recordam dos desfiles:

***Elvira:** Era lindo, viu? Era um desfile, a gente tudo fardado e cantando, cantando o hino nacional, cantava o hino da bandeira, ainda tinha poesia. (...) Subia numa cadeira pra recitar, tudo no meio da rua pra todo mundo ver. Era bem divertido! (...) Todo mundo da cidade, minha filha, acompanhava. Era uma festa! Naquele tempo tinha festa, viu?*¹¹

***Reinaldo:** O 7 de setembro era uma festa muito bonita, inclusive eu fazia parte do conjunto, eu tocava tambores. No dia 7 de setembro a gente acostumava acordar às quatro horas da manhã pra alvorada, depois tinha o desfile. O povo vinha das roças e gostavam do dia 7 de setembro.*¹²

***Dalva:** 7 de setembro era a festa da época (...) Nessa época tinha aquela coisa de alvorada... 7 de setembro lá... 7 de setembro é uma folia por que todo mundo levantava de madrugada, todo mundo queria ir pra alvorada. Tinham aquelas marchas, todo mundo marchava, entendeu?*¹³

¹¹ Depoimento citado.

¹² Reinaldo Moreira de Lima, ex-aluno, entrevista concedida em 10.04.2007.

¹³ Dalva Vilas Boas Matos, ex-aluna, entrevista concedida em 24.11.2007..

A beleza dos desfiles foi ressaltada por todos os depoentes. As festas cívicas representavam momentos celebrativos proeminentes para a escola da época, nos quais a disciplina da escola era exibida para a população.

As apresentações feitas para o público nas festas cívicas, além dos desfiles, continham discursos alusivos à data, poesias, canto orfeônico e números de ginástica. Segundo os depoentes, as poesias eram fornecidas pela professora e os alunos que tinham mais afinidade com a arte memorizavam e recitavam para o público. O ex-aluno Florivaldo era um desses alunos:

Na praça, no meio de todo mundo! (...) Poesia de Castro Alves, de Casemiro de Abreu... eu era danadinho, eu decorava tudo. (...) Recitava poesia, já tinha um discurozinho também, de batizado, de casamento. Tinha que falar, não podia parar não, tinha que falar. Se nós éramos os melhores, se tava na escola! Escolinha daqui, uma escola boa. Nós éramos os melhores, quem tava na escola todos eram os melhores!¹⁴

O depoente ressalta a importância da retórica nessa escola, destacando o mérito de quem tinha acesso à educação formal. Eles eram considerados “os melhores” por ter acesso a um saber negado à maioria daquela população rural, daí serem os responsáveis pelo uso da fala também em outros momentos solenes, não apenas nas festas cívicas.

As apresentações de hinos patrióticos ou orfeões são mencionadas em algumas atas e depoimentos. D. Noemia consegue lembrar-se de trechos de hinos memorizados na época da escola, na década de 1940:

Você vê que até hoje eu lembro assim as músicas. (...) Eu lembro que a gente cantava aquele: “Confio na escola em que aprendemos, com testemunho varonil, amar a terra em que nascemos, a defender com amor o nosso Brasil. Em cada letra do alfabeto que ocupa milhões de luz, em cada luz irrequieta uma estrela no céu da Santa Cruz.” (...) A gente cantava, saía cantando: “Falange de herói sublime, oh pátria amada! Por noite clamas a guerra empenhada, pátria dourada teu filho chama...” Era bonito esse, era lindo. Ah! A gente saía no dia Sete cantando isso.¹⁵

Segundo a depoente os hinos eram cantados também durante os desfiles e não apenas nas paradas feitas para as apresentações. No contexto da época o canto orfeônico representava a disciplina por excelência da formação do orgulho nacional e do

¹⁴ Florivaldo Magalhães Souza, ex-aluno, entrevista concedida em 24.12.2007.

¹⁵ Noemia Rodrigues Silva, ex-aluna, entrevista concedida 22.11.2007.

patriotismo; ela já constituía matéria obrigatória do currículo dos cursos secundários desde a Reforma Francisco Campos em 1931, tendo se tornado obrigatória também nos cursos primários através de um decreto lançado em julho de 1934. De acordo com Horta:

A obrigatoriedade do canto orfeônico é justificada no decreto não apenas pela “utilidade do canto e da música como fatores educativos”, mas também pelo fato de o seu ensino, enquanto “meio de renovação e formação moral e intelectual” ser “uma das mais eficazes maneiras de desenvolver os sentimentos patrióticos do povo” (1994: 147).

A atuação de Heitor Vila Lobos foi fundamental para a implantação dessa atividade em nível nacional. No início da década de 1930, por meio da Superintendência de Educação Musical e Artística (SEMA), sob a responsabilidade do maestro, desenvolveu-se um trabalho intenso de implantação de orfeões escolares e de formação de professores.

O decreto de 1934 também instituiu a obrigatoriedade da educação física nos cursos secundários, justificando-a com base em argumentos eugênicos. Na escola primária essa disciplina já havia sido instituída pela maioria das reformas estaduais da década de 1920, inclusive pela de Anísio Teixeira, na Bahia.

Na Escola Paroquial, além das atividades de educação física desenvolvidas pelas professoras, havia um “instrutor das escolas paroquiais” convidado pelo Padre Alfredo para ministrar atividades físicas com características militares. Ele era um militar, sargento ou tenente, chamado Hélio Vieira, pertencente ao Tiro de Guerra de Jacobina. Vários depoentes se recordam desse fato:

Elvira: Parece que ele veio uns três anos. (...) ensinar a gente marchar, pra a gente dar a volta, ele dizia: “meia volta, volver”... e fazer ginástica. Tinha outro que se chamava baliza (...) Fazia exercício, fazia caminhada. Era... a gente saía marchando quando chegava nas estradas... Aí a gente vai fazer física, só vendo como era. Era divertido, eu gostava.¹⁶

Florivaldo: Chamava ginástica; fazia os exercícios todos de marchar de dar aqueles pulos, se abaixar, levantar, fazer isso, fazer aquilo, rodar rapidamente. (...) Vinha um cara de Jacobina do tiro de guerra, um tal de... Aí foi duro, ele fez da gente soldado.¹⁷

¹⁶ Depoimento citado.

¹⁷ Depoimento citado.

No livro de termos a estadia desse “instrutor das escolas paroquiais” no Povoado de Serrote foi registrado apenas no ano de 1949, no período de 18 a 26 de abril:

(...) houve durante esses dias aulas físicas, inclusive a vários ensinamentos de jogos corridas e aulas ginásticas para recreios e ensaio de hinos patrióticos. Para este fim passou o esforçado sr. instrutor nove dias nesse povoado, e acentuo, que durante os mesmos, foi com ordem do Diretor das Escolas Paroquiais que não houve aulas em outras matérias além da “Instrução Física” tão útil e indispensável para o desenvolvimento da criança.

A suspensão das aulas das outras matérias durante nove dias, nos quais a escola ficou totalmente voltada para a “instrução física”, indica a importância dessa atividade para a escola paroquial. Desde o início do período republicano, como assinala Souza, a educação física como disciplina escolar destacava-se por suas finalidades higiênicas e moralizadoras. “Tornar os corpos ágeis, fortes, robustos, vigorosos. Desenvolver a coragem, o patriotismo. Todo um investimento no corpo dos indivíduos que os engalfinhava nos ideais de moralização e ordenação social” (1998: 179).

No período do Estado Novo esses ideais são reforçados a partir de uma crescente participação do exército na esfera educacional. Nesse contexto, além da ampliação da importância da educação física, ganha relevância também a instrução pré-militar (HORTA, 1994: 54).

No caso da escola paroquial de Serrote, nas aulas de “instrução física”, ministradas pelo militar, podemos perceber claramente características de uma instrução pré-militar; além das atividades físicas, os alunos eram treinados a marchar como soldados e a entoar hinos patrióticos. Podemos perceber nessa escola as permanências de um modelo educativo instaurado pelo Estado Novo, mesmo após a sua queda. Um dado interessante a esse respeito é que um quadro do Presidente Getúlio Vargas e algumas cartilhas do Estado Novo permaneceram no material da escola, pelo menos até 1951, muito tempo depois da queda de Vargas.

As escolas paroquiais, embora fossem dirigidas por um padre estrangeiro, propagavam, juntamente com a doutrina católica, os valores patrióticos típicos da escola da época. Em todo o período pesquisado podemos perceber uma associação entre valores cívicos e religiosos visando garantir a disciplina da escola paroquial. O sucesso desse modelo deveu-se em parte à capacidade de produzir sensibilidades, envolvendo a

população nos rituais da escola, que misturavam ideais ao mesmo tempo católicos e nacionalistas. A teatralidade desses eventos certamente seduzia e fascinava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HORTA, José Silvério Baía. *O hino, o sermão e a ordem do dia: A educação no Brasil (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

LEMOS, Doracy Araújo. *O missionário do Sertão, biografia de Padre Alfredo Haasler*, Jacobina – BA: Santa Cruz Artes Gráficas, 1999.

LOPES, Eliane Marta T., VEIGA, Cynthia Greive & FARIA FILHO, Luciano M., (orgs.), *500 anos de Educação no Brasil*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENEZES, Jaci Ferraz de (Org.). *Educação na Bahia*. (Coleção Memória da Educação na Bahia). Salvador: Editora da UNEB, 2001.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *Revelando a cidade: imagens da modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina, 1955-1963)*. Dissertação de Mestrado em História Social – UFBA. Salvador: 2008.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Maria Helena Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 1998.

STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena C. (orgs.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*, Vol. III – Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

VIDAL, Diana G. & HILSDORF, Maria Lúcia S. (orgs.) *Brasil 500 anos: Tópicos em História da Educação*. São Paulo. Edusp, 2001.